

O Deus Queer : O Deus que temos que libertar do espelho de nossas próprias ideologias.

Por: Genilma Boehler¹

Conversava com um amigo teólogo que estudamos juntos nos anos 80. Falávamos do Deus Queer e lembramos do escândalo para muitas pessoas naqueles tempos, quando na Teologia da Libertação afirmávamos o Deus dos Pobres. Considerada naquela época como uma afirmação subversiva que foi perseguida justamente por revelar a particularidade de Deus para os pobres da América Latina e do Caribe. E este é um elemento indispensável para nossa teologia: os contextos habitados por sujeitos, a diversidade, o pluralismo, a provisoriade da própria vida, da fé e de Deus. O Deus dos pobres foi e é escândalo, como o Deus Negro e tantas outras teologias com as quais dialogamos, tais como a teologia ecológica, as teologias feministas, as teologias pos-coloniais, pois todas apresentam a fragmentação que contrariam o dogmatismo hegemônico.

Ou seja, que as teologias cristãs pré-modernas e modernas afirmaram a um Deus inflexível, imutável, engessado num modelo criado nos moldes masculinos, hierárquicos, patriarcais. Autoritário na forma e nas doutrinas, nos dogmas que foram criados para legitimá-lo. Portanto um Deus desfigurado da sua humanidade, pois retratado como cruel, distante, excludente, punidor, e ao mesmo tempo, caracterizado por uma só possibilidade de ser representado.

Conversarmos sobre o Deus Queer é questionar tal herança da qual sendo cristãs e cristãos, não podemos evita-las, mesmo que reconhecendo a diversidade das teologias pré-modernas e modernas, com suas respectivas tradições.²

Mas se Teologia é o falar sobre Deus podemos perguntar-nos: de que Deus, então, estamos falando?

Quando em 2004 Marcella Althaus-Reid esteve no Brasil, foi entrevistada pela jornalista Eliane Brum³ para a Revista Época, uma das perguntas de tal entrevista foi: Como é um Deus Queer? que mereceu a seguinte resposta:

“É um Deus que não está terminado. Temos Deus saindo do armário ao dizer “não posso ser Deus, tenho outra identidade, preciso ser homem”. Não é um gesto de doação aos homens, mas uma necessidade de Deus de revelar-se. Dizer: “Sou frágil, sou humano”. Sair desse armário lhe custou caro. Essa é uma interpretação nova de Deus, a partir de outra maneira de se relacionar com a divindade. Essas metáforas do Deus perfeito, da sabedoria suprema, do terminado vêm de uma maneira de pensar pré-moderna. Eu

¹ Genilma Boehler é teóloga brasileira, professora na Universidade Bíblica Latinoamericana, em San Jose, Costa Rica, desde 2011.

² OtrasOvejas. Las teologias Gay-Queer. Disponible In: <http://www.fundotrasovejas.org.ar/articulos/TeologiasGayQueer.pdf> , Acesso, setembro, 2014.

³ Eliane Brum, Revista Época, Edição 329, 06-09-2004.

trabalho com o pós-moderno. O Deus Queer é um Deus inacabado. Em processo, ambíguo, de múltiplas identidades, que nunca terminamos de conhecer porque, quando o abarcamos, escapa, há mais. Não quero um Deus do centro hegemônico, um rei que vem te visitar na favela, te dá a mão e diz: "Eu sou Deus, tenho um reino e sou tão bom que venho te visitar. Mas, agora, dá licença que tenho de voltar ao Reino dos Céus". Falo de um Deus que abre seu armário e diverte seus amigos, dizendo: "Agora sou Marlene Dietrich"."⁴

Partindo desta resposta, deparamo-nos com um elemento fundamental na Teologia Queer, ou no Deus Queer, que é próprio da pós-modernidade, a renovação pós-estruturalista da busca da transcendentalidade, incluindo as dimensões religiosas do pensamento da desconstrução. O Deus inacabado, que afirma Althaus-Reid passa por este filtro e alcança uma dimensão sublime no jogo da revelação e da ocultação, do que é e do que poderá vir a ser. Jean François Lyotard afirmava que a "pós-modernidade, em sua concepção, não é um período sucessor da modernidade: é o desencanto com as estruturas estabelecidas pelas narrativas tradicionais, é o fim das generalizações e universalidades."⁵ E este é um elemento fundamental nos nossos tempos de desencanto com o que o cristianismo Ocidental, seja na versão católico-romana ou evangélica, fez com a Teologia.

De acordo Althaus-Reid a Teologia Queer "compartilha certos elementos com as teologias liberacionistas e feministas mas vai além na sua suspeita hermenêutica e problematiza construções teológicas a serviço dos interesses de poder, e especialmente questiona a construção ideológica das identidades sexuais."⁶

A Teologia *Queer*, utilizada por Althaus-Reid e por ela nomeada Teologia Indecente ou Teologia Torcida⁷, rompe com a ideologia heterossexual, que se estabelece como padrão universal para a sexualidade, predominante na história do cristianismo e da teologia.⁸ Para trabalhar com essa teoria, a autora informa que se faz necessário sair do armário de Deus e assumir um processo de *queerização* teológica.⁹ Noutras palavras, significa perguntar-se sobre a experiência heterossexual que tem moldado a compreensão da teologia, perguntando-se sobre o papel do teólogo e da hermenêutica.¹⁰ Segundo Althaus-Reid, tal método exige

⁴ Brum, 2004.

⁵ Jean-François Lyotard, citado por: **Leonardo Marcondes Alves, O Deus pós-moderno. Disponível: <http://ensaiosnotas.wordpress.com/2010/12/03/o-deus-pos-moderno/>, Acesso, setembro, 2014.**

⁶ Marcella Althaus-Reid, Yo soy la desintegración. In: Re-leituras de Frida Kahlo – por uma ética estética da diversidade machucada. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008, p.96.

⁷ Creio que os termos "indecente" e "torcida" foi uma tentativa de Althaus-Reid com o termo "Queer" para uma linguagem próxima ao espanhol e ao português.

⁸ ALTHAUS-REID, 2004, p. 2.

⁹ ALTHAUS-REID, 2004, p. 2.

¹⁰ ALTHAUS-REID, 2004, p. 2.

coragem e honestidade, além de engajamento crítico para com a teoria *queer*, o que implica ter pensamento não heterossexual e criticar a teologia heterossexual.¹¹ Segundo Althaus-Reid: O desafio é para todas. As mulheres (e os homens) heterossexuais têm que falar também qual é sua própria identidade, já que a ideologia heterossexual tem distorcido a realidade também das relações entre mulheres e homens. E isto é o paradoxal: a heterossexualidade da Teologia da Libertação é também um produto ideologizado, distorcido.¹²

Para Althaus-Reid a teologia *queer* é uma disciplina emergente que tem como ponto de partida radical o vastíssimo tema, segundo ela, ainda inexplorado, da natureza da encarnação.¹³ O fato de Deus ter deixado o céu e entrado na carne, habitando esta estranha Terra, possibilita novos horizontes para escrever e compreender a teologia, cujos limites não estão fixos e nem podem ficar detidos em leis e estatutos canônicos. Esta natureza do divino encarnado irrompe na diversidade e com muitos desafios para a compreensão da teologia.¹⁴

Na proposta de Althaus-Reid, a encarnação, que essencialmente passa pelo corpo, pelo sentir do corpo, não cabe nas abordagens metafísicas sobre o filho de Deus, porque o divino-humano nasceu como bebê gritando no meio de fezes, de vacas e pulgas, coberto de sangue de parto, cuja mãe/menina, na sua incerteza, recebeu-o nos braços e a partir deste acontecimento declara a salvação para todos.¹⁵ Esta é a origem da encarnação na sua radicalidade. Do Deus encarnado, do divino/humano que se mergulhou na carne e que todas as ideias vinculadas a este princípio estão sempre sujeitas a alterações.

Althaus-Reid afirma: “a vida nunca poderá ser normal para aqueles que abraçam a carne como divina, aqueles que são amantes de Deus através da carne com toda a sua diversidade”.¹⁶ Esta é uma discussão pertinente que contempla o corpo e a sexualidade. Aspecto relevante da teologia de Althaus-Reid, encontra-se no posicionamento político, crítico, assumindo a não neutralidade e uma posição responsável na cartografia divina do prazer e do

¹¹ ALTHAUS-REID, 2004, p. 2.

¹² ALTHAUS-REID, 2006a, p. 68.

¹³ ALTHAUS-REID, 2004(a), p. 7.

¹⁴ ALTHAUS-REID, 2004(a), p. 7.

¹⁵ ALTHAUS-REID, 2004(a), p. 7.

¹⁶ ALTHAUS-REID, 2004(a), p. 7.

desejo.¹⁷ Althaus-Reid assegura que: “toda teologia é um ato sexual, por sua visão de mundo, sua metodologia e até por sua temática.”¹⁸ Segundo ela,

A *Bíblia* está cheia de metáforas sexuais. O cristianismo vem de uma metáfora sexual – um Deus que tem amores com uma mulher e dessa relação amorosa nasce Cristo. Sai tudo de uma matriz sexual que querem sempre dessexualizar. Uma nuvem, uma pomba, um anjo. E essa mulher é comprometida, aparece com uma gravidez que não sabem de onde vem. “Mas quem é teu pai?”, deviam dizer a Jesus quando ele andava por Israel. Então, em vez de rechaçar a metáfora sexual, eu brinco com ela. O cristianismo entende e organiza o mundo a partir de uma ideologia heterossexual: a família, a subordinação, a dualidade. Minha proposta é pensar uma fé e uma teologia a partir de experiências sexuais diferentes. Não a dos gays, ou a das lésbicas, ou a dos travestis, mas a partir da Teoria Queer, uma espécie de guarda-chuva que abriga toda a diversidade sexual. Quero saber, por exemplo, como um travesti se relaciona com o sagrado, como é o Deus do transexual. Minha teologia não é sobre igualdade, é sobre diferença.¹⁹

No livro *La Teologia Indecente*, no capítulo três, o título do mesmo explicita a dualidade do sexual e do erótico: “Cantar obscenidades à teologia. A teologia como ato sexual”.²⁰ Sua argumentação paulatinamente aborda os aspectos sexuais da teologia confirmando-os como ideologia, ortodoxia, ortopraxis e ação sexual.²¹ Ao afirmar a legitimidade da teologia indecente, a autora questiona e critica “as forças interpelativas e normativas da teologia patriarcal”,²² resgatando o direito de assumir uma identidade divina e humana²³ sem restrições, assim como assumir o direito de renomear Deus, como teólogos/teólogas indecentes: “Deus marica; Deus grande rainha; Deus lesbiana; Deus mulher heterossexual que não aceita as construções da heterossexualidade ideal; Deus ambivalente de difícil classificação sexual”.²⁴

Ao ser também perguntada sobre sua afirmação do Cristo Bi-sexual, Althaus-Reid revela que não se trata de uma simplificação da teologia ou do nomear a Cristo ou defini-lo com uma categoria sexual. E explica,

Que sabemos da sexualidade de Jesus? Nada. O que dizem os Evangelhos? Dizem que foi circuncidado. Que falava nas sinagogas e conhecia as escrituras. Esses são os poucos detalhes que sabemos de Jesus. Eu sei que Jesus foi homem, mas gosto de dizer que sabemos que foi homem por uma ou duas coisas. Da sexualidade de Jesus não sabemos nada. Porque ser homem não significa ser homem. Então, por que não

¹⁷ ALTHAUS-REID, 2004, p. 7.

¹⁸ ALTHAUS-REID, 2006a, p. 67.

¹⁹ Brum, 2004.

²⁰ ALTHAUS-REID, 2005, p. 127.

²¹ ALTHAUS-REID, 2005, p. 127.

²² ALTHAUS-REID, 2005, p. 138.

²³ ALTHAUS-REID, 2005, p. 138.

²⁴ ALTHAUS-REID, 2005, p. 138,

assumir que Jesus teria outra sexualidade? E qual poderia ter sido? Busco elaborar um Bi-Cristo. Mas não para buscar experiências sexuais. É a forma de pensar que me interessa. Bissexualidade é tabu. Os gays não gostam. As lésbicas não gostam. Dizem: "Decida-te". Aí pensei em levantar essa bandeira que, por ser crítica, é muito interessante. O Bi-Cristo é um Deus que está no meio, pode entender as diferenças e amá-las. Um Deus que não pode ser encaixado em uma identidade fixa porque nunca se define completamente. É um Messias amplo.²⁵

Creio que tais argumentos nos obriga a pensar no Deus Queer como o que desafia as representações unívocas, para desintegrar os modelos hegemônicos de representação de Deus.²⁶ Com palavras de Althaus-Reid,

A bissexualidade è uma destas categorias epistemológicas que desafiam o binarismo do Cristianismo. A teologia, acostuada ao pensamento heterossexual que a domina, só pode ver o mundo nos opostos e nas hierarquias. Não será a hora de reconhecer que se Cristo só pode ser concebido em termos de oposição binaria, de pouco vale seu messianismo? A práxis de Jesus subverteu ideologias e inaugurou isso que na América Latina se chama "a caminhada": o andar teológico onde o povo de Deus segue crescendo em fé e em entendimento.

Trata-se de desconstruir o hegemônico, resgatando a possibilidade do particular, do fragmento, mas que dá sentido a uma comunidade de fé. Segundo a autora "O Cristo heterossexual, o gay, o do lesbiano, o transexual e outros não necessitam ser exclusivos senão localizados no espaço-tempo da experiência de uma comunidade."²⁷ Para teologias acostumadas com universalidades e absolutismos, a proposta da teologia indecente apresenta sérios questionamentos ao *status quo* das teologias tradicionais.²⁸ Por isso, é importante a ruptura com os códigos das teologias que prè-modernas e modernas. Nesse caso, a teologia indecente questiona, critica e oferece uma outra modalidade epistemológica para o pensamento teológico e cristológico.²⁹ Segundo Althaus-Reid: "é uma tarefa hermenêutica e de interpretação a que nos pede os símbolos mediante o desenvolvimento de diversos níveis de significados sobrepostos, [...] sempre nos dirige a outra noção oculta jamais vista."³⁰

²⁵ Brum, 2004.

²⁶ Althaus-Reid, 2008, p. 98.

²⁷ ALTHAUS-REID, 2005, p. 167.

²⁸ ALTHAUS-REID, 2008, p. 98.

²⁹ ALTHAUS-REID, 2005, p. 167.

³⁰ ALTHAUS-REID, 2005, p. 170.

Referencias Bibliográficas:

ALTHAUS-REID, Marcella. **La Teologia Indecente**: perversões teológicas en sexo, género y política. Barcelona/Espanha: Bellaterra, 2005.

_____. **The queer God**. Canadá: Routledge, 2003.

_____. **From Feminist Theology to Indecent Theology**: eadings on poverty, sexual identity and God. Londres: SCM, 2004.

_____; ISHERWOOD, Lisa. **The sexual theologian**: essays on sex, God and politics. London : T& T Clark International, 2004.

_____. **Liberation Theology and Sexuality**. Burlington/USA: Ashgate, 2006.

_____. O direito a não ser direita (el derecho a no ser derecha): sobre teologia, Igreja e pornografia. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**. Petrópolis: Vozes, n. 298, p. 95(671)-104(680), mai. 2002.

_____. De la teologia de la liberación feminista a la Teologia Torcida. In: CARDOSO, Nancy; EGGERT, Edla; MUSSKOPF, André S. (orgs.) **A graça do mundo transforma Deus**: diálogos latino-americanos com a IX Assembléia do CMI. Porto Alegre: Editora Universitária Metodista, 2006a.

_____. Maria. Living la vida loca: reflexões sobre os amores ilegais de Deus e a defesa da vida. **Ribla**, Petrópolis, n. 57, p. 80-85, 2007.

_____. Yo soy la desintegración. In: EGGERT, Edla (Org.) **[Re]leituras de Frida Kahlo**: Por uma ética estética da diversidade machucada. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008, p. 94-100.

BRUM, Eliane. Revista Época, Edição 329, 06-09-2004. Disponível: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI63840-15230,00-ARQUIVO+ELIANE+BRUM.html>. Acesso, setembro, 2014.

Jean-François Lyotard, **citado por: Leonardo Marcondes Alves, O Deus pós-moderno.**

Disponível: <http://ensaiosnotas.wordpress.com/2010/12/03/o-deus-pos-moderno/>,

Acesso, setembro, 2014

OtrasOvejas. Las teologías Gay-Queer. Disponible In:

<http://www.fundotrasovejas.org.ar/articulos/TeologiasGayQueer.pdf> , Acesso, setembro, 2014.